

Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 - Dezembro/2010

A UTILIZAÇÃO DE UMA METODOLOGIA EM TEXTOS POÉTICOS PARA ESTUDOS FONOLÓGICO- HISTORIOGRAFICOS DO PORTUGUÊS

Ana Carolina CANGEMI (UNESP)¹
Thais Holanda de ABREU (UNESP)²

Resumo:

Este artigo objetiva evidenciar a importância da escolha de um corpus de caráter poético (no caso, as cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas Cantigas de Santa Maria - CSM) para estudos de natureza fonológica em Português Arcaico (PA), principalmente aqueles relacionados a fenômenos prosódicos, como o acento nos nomes diminutivos e os processos de sândi vocálico externo. Tais fenômenos são de difícil reconhecimento a partir de textos em prosa - sobretudo quando se tem como base de investigação um estágio anterior da língua, do qual não é possível encontrar falantes nativos vivos. Somente por meio da metrifcação de textos poéticos, podemos reconhecer aspectos fundamentais para a investigação do acento e dos processos de sândi, como a duração das sílabas e a localização de acentos e cesuras no interior dos versos.

Palavras-chave: Textos poéticos; fenômenos prosódicos; acento; processos de sândi; Cantigas de Santa Maria.

Abstract:

This paper aims to evidence the importance of choosing a poetical corpus (in this case, the religious Cantigas in honor of Virgin Mary, called Cantigas de Santa Maria) for a study of phonological nature in Archaic Portuguese (AP), mainly those related to prosodic phenomena, such as diminutive nouns stress and the external vocalic sandhi. These phenomena are so hard to recognize from prose texts - particularly when the research foundation is a previous stage of the language, for which it is impossible to find living native speakers. Only through metrified poetic texts, we can recognize fundamental aspects to stress and sandhi processes investigation, such as syllable duration and stress and the positioning of the caesura in the verses.

Keywords: Poetical texts; prosodic phenomena; stress; sandhi processes; Cantigas de Santa Maria.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é evidenciar a importância da escolha de um *corpus* de caráter poético (no caso, as cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas *Cantigas de Santa Maria* – CSM, século XIII) e a metodologia que pode ser empregada para estudos de natureza historiográfica e fonológica no passado da língua Portuguesa, no caso o Português Arcaico (PA). Veremos a relevância da consideração desse *corpus*, juntamente com a metodologia aplicada, principalmente a processos relacionados a fenômenos prosódicos, com especial destaque para o acento nos nomes diminutivos e os processos de sândi vocálico externo.

Assim, propomos neste trabalho análises da língua Portuguesa em uma época em que não se dispunha de tecnologias para arquivar a fala do indivíduo. Portanto, partimos da perspectiva da lingüística histórica (área da linguística que se preocupa em estudar mudanças nas línguas humanas à medida que o tempo passa) para observar os processos do acento nos nomes diminutivos e os processos de sândi vocálico externo.

As pesquisas que são desenvolvidas na área de linguística histórica têm como objetivo descobrir, partindo da língua atual, fatos do passado. Faraco (1998, p. 17) alerta para o fato de que:

Quem se inicia em lingüística histórica [...], como qualquer cientista social, precisa estar particularmente atento para evitar transferir juízos de valor do senso comum para o trabalho de descrição e de interpretação dos fenômenos linguísticos (em especial quando se trata de realidades da sua própria língua), porque esses juízos não têm, na maioria das vezes, base empírica e não passam de enunciados preconceituosos.

A idéia principal do especialista em Linguística Histórica é a busca, no passado, de evidências que possam explicar os fatos presentes da língua. No entanto, esse não é um trabalho fácil, pois como reflete Labov (1982, p.20) a Linguística Histórica consiste na “arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

Dessa forma, os dados com que o linguista da área histórica lida nunca são perfeitos, porque são fruto da escrita, em uma época em que não havia tecnologia para guardar todas as peculiaridades da fala. Massini-Cagliari (2010, no prelo) ainda reflete que “o especialista nessa área está sempre lidando com o problema crucial de relacionar fala e escrita, uma vez que a escrita, na nossa sociedade e em todas as outras que se conhece, não reflete diretamente a fala, ou seja, não se trata de uma transcrição fonética” e reforça que “a escrita das épocas passadas (a exemplo da

atual) fornece apenas ‘pistas’, indícios de como a fala daquela época teria ‘soado’, mas não certezas absolutas” (MASSINI-CAGLIARI, 2010, s/p.).

2 *Corpus* e metodologia

2.1 As Cantigas de Santa Maria

As *CSM* foram compostas na segunda metade do século XIII, com autoria atribuída a Dom Afonso X, rei de Leão e Castela, denominado também como “Sábio”. É preciso salientar que a maioria dos estudiosos dessas cantigas, como Parkinson (1998), acredita que nem todas elas são de autoria exclusiva do rei. Segundo Parkinson, (1998, p. 183):

é de suponer que o rei tería acompañado de cerca a estructuración e a composición da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras cousas en qué se ocupar). A lóxica indícamos, xa que logo, que non podería o rei ter composto todas as 420 Cantigas e, o mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas.

A partir da opinião de Parkinson (1998) referida acima e de outros estudos sobre a autoria das cantigas, é possível considerar Afonso X como o grande compilador, organizador, e admitir que algumas foram compostas por ele e outras, não. Partindo desse pressuposto, Parkinson (1998) problematiza ainda a questão de como definir critérios que nos permitam identificar as cantigas de sua autoria; Mettmann (1987, p. 364) nos sugere que as cantigas de autoria do rei sábio são as “cantigas persoais” (cf. Parkinson, 1998, p. 183), que estão em primeira pessoa do singular e representam seus sentimentos, suas vivências e desejos em relação à Virgem Maria.

As 420 *CSM* são, de acordo com Leão (2007, p. 21), líricas ou lírica-narrativas e dividem-se em cantigas de *miragre* (cantigas de milagre, as quais revelam os feitos milagrosos da Virgem Maria; são poemas narrativos) e cantigas de *loor* (cantigas de louvor, que louvam e fomentam a devoção mariana; poemas líricos). No entanto, devido ao fato de as cantigas de milagre revelarem os milagres da Virgem e, conseqüentemente, encerrarem louvores a ela, é possível, no fundo, considerar todas as cantigas como de louvor. As cantigas de milagre nos revelam ser predominantes, uma vez que, de acordo com Leão (2007, p. 24), elas aparecem em uma proporção de nove por um, ou seja, para cada grupo de nove cantigas de milagre tem-se uma cantiga de louvor, numerada com dezena inteira. Segundo a estudiosa,

a estruturação das cantigas obedece, pois, a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário. (LEÃO, 2007, p.24)

As cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria chegaram até nós por meio de quatro manuscritos antigos,¹ conhecidos como códices - E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas. Atualmente, dois desses códices são guardados na Biblioteca do Escorial (E e T), um na Biblioteca Nacional de Madrid (To) e outro na Biblioteca Nacional de Florença (F).

Massini-Cagliari (2007, p.122), a respeito da utilização do galego-português presente na composição das cantigas, demonstra que o galego e o português daquela época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”, no que concerne a alguns aspectos prosódicos, como acento, constituição silábica e processos de sândi. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes possivelmente da Galiza, mas compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções lingüísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema”.

Assim, pode-se afirmar que as *CSM* são representantes do momento de formação da língua portuguesa (ou do galego-português, como seu ancestral legítimo) e, conseqüentemente, podem contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento. Já afirmara Leão (2007, p. 9, grifo da autora), “[...] as *Cantigas*, nas brumas da história, coincidem com o momento fundador do Reino de Portugal e também da língua portuguesa”.

¹ O Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, ao qual as autoras deste artigo estão ligadas, constituído por alunos de graduação e pós-graduação na UNESP/Araraquara e coordenado pela Profª.Drª. Gladis Massini-Cagliari, tem acesso aos microfilmes desses manuscritos e também a duas edições fac-similadas das *Cantigas de Santa Maria*.

2.2 As *Cantigas de Santa Maria* e sua relevância para estudos de caráter prosódico: metodologia utilizada

Massini-Cagliari (2005) afirma que pouco se sabe a respeito da prosódia do PA, devido ao fato de alguns autores (cf. MAIA, 1986; MATTOS E SILVA, 1989; TOLEDO NETO, 1996) trabalharem prioritariamente com *corpora* em prosa e terem outros focos de estudo.

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos [...] de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha de material entre material poético e não poético para constituição do *corpus* não se coloca. Como os textos remanescentes em PA são todos registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações [...] a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.142).

No entanto, em relação a textos poéticos, principalmente com uma métrica fixa, ocorre o contrário, ou seja, a partir da observação de como o poeta trovador conta as sílabas poéticas e localiza os acentos em cada verso podem ser observados os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Sobre isto já afirmava Allen (1973, p.103): “*metrical phenomena cannot be ignored, since, especially in the case of dead languages, the relationship between poetry and ordinary language may provide clues to the prosodic patterning*”.

Para Abercrombie (1967, p.98), o ritmo da fala corrente é o fundamento do verso. Assim, fala e poesia não se distinguem tipologicamente quanto ao ritmo. Para esse autor, a única diferença entre o ritmo da fala e o da poesia é: na poesia, este se encontra organizado de maneira a produzir padrões recorrentes, que por sua vez são percebidos pelo leitor. Já na fala este fato não acontece.

Considerando os trabalhos acima citados, podemos concluir que a escolha de textos poéticos para se estudar fenômenos prosódicos de uma língua, em seus estágios passados, se mostra eficaz e adequada.

Mattos e Silva (1991, p. 32) mostra que:

A documentação lingüística fornecida pelo conjunto da lírica medieval galego-portuguesa é riquíssima [...]. O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais.

Assim, a partir da escansão do poema em sílabas poéticas podemos ver os limites das sílabas fonéticas. Por exemplo: 1) por meio da metrificação poética e da definição dos limites das sílabas fonéticas podemos localizar os acentos poéticos e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação de sua estrutura prosódica e permitindo - no caso dos nomes diminutivos - formular hipóteses a respeito desses nomes serem, no período arcaico do português, derivados (um acento lexical) ou compostos (dois acentos lexicais) (cf. seção 3.1); 2) A partir da concatenação das palavras dentro dos versos podemos também observar a solução dada pelo trovador para os encontros vocálicos da língua em questão (cf. 3.2 deste artigo). Assim, os passos para o estudo das soluções relativas a estes (os encontros vocálicos) na poesia, considerados importantes desde os tempos antigos (cf. CUNHA, 1961, p.17), seriam: 1) a solução dada para o encontro entre a vogal final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra; 2) a necessidade ou não de uma ressilabação, devido ao encontro vocálico; 3) a possibilidade ou não de *stress clash* (colisão acentual) entre as sílabas envolvidas no sândi vocálico externo.

3 Exemplo de análises de caráter lingüístico a partir do *corpus* proposto

3.1 A investigação do *status* fonológico nos nomes diminutivos como formas simples ou compostas a partir das *CSM*.

Para analisar o *status* fonológico dos nomes diminutivos em PA se utilizando do texto poético das cantigas religiosas, observa-se em primeiro lugar a posição que cada ocorrência mapeada ocupa no verso. Vejamos um exemplo:

(1) Cantiga 79: Como Santa Maria tornou a mena que era garrida, corda, e levó-a sigo a parayso.

Ay, Santa Maria,
quen se per vos guya
quit' é de folia
e senpre faz ben.

Porend' un miragre vos direi fremoso
que fez a Madre do Rey grorioso,
e de o oyr seer-vos-á saboroso,
e prazer-mi-á en.
Ay, Santa Maria...

Aquesto foi feito por ha menynna

que chamavan Musa, que mui **fremosinna**
era e aposta, mas **garridelinna**
e de pouco sen.
Ay, Santa Maria... (CSM 79, 1986, p.256)

O exemplo acima mostra duas ocorrências de diminutivo nas CSM (*fremosinna* – “formosinha” e *garridelinna* – “travessinha”) que estão em posição de rima. Como já afirmaram Cagliari e Massini-Cagliari (1998, p.96), “o último acento do verso é sempre o mais forte”. Assim sendo, se fizermos a metrificação dos versos nos quais essas ocorrências aparecem, teremos o acento mais forte nas últimas sílabas poéticas, respectivamente, *-si* e *-li*, como pode ser constatado no exemplo abaixo:²

(2) A/**ques**/to/ foi/ **fei**/to/ por/ hũ/a/ me/**ny**/nna 5-11
que/ cha/**ma**/van/ **Mu**/sa/, que/ **mui**/ fre/mo/**si**/nna 5-11
e/ra /e/ a/**pos**/ta/, mas/ ga/rri/de/**li**/nna 5-11
e /de/ pou/co/ **sen**. 5 (CSM 79, 1986, p.256)

O exemplo (2) demonstra a metrificação das sílabas átonas e tônicas (que estão em negrito e marcadas com números no final de cada verso) de um trecho da cantiga 79. Verifica-se que os vocábulos *fremosinna* e *garridelinna* possuem a tônica na sílaba 11³ dos versos em que estão inseridas e, desta forma, por estarem em final de verso, estas palavras “são, com certeza, portadoras do acento principal” (CAGLIARI & MASSINI-CAGLIARI, 1998, p.97).

Portanto, observa-se que a posição de rima é fundamental para a delimitação do acento principal das palavras, como já afirmaram Cagliari e Massini-Cagliari (1998, p.86): “As rimas, por outro lado, constituem um dos materiais mais preciosos para se tirar da escrita, através da poesia, elementos fonéticos e fonológicos”. Vejamos mais dois exemplos para o diminutivo:

(3) Cantiga 147: Como hũa moller pobre deu sa ovella a guardar a um ovelheiro...

A/ques/ta/ mo/lle/r/mês/**quỹ**/a 7
de/ quan/to/ pu/d' a/che/gar 7
con/prou/ hũ/a/o/ve/**liỹ**/a 7
e/ foy/-a/dar/ a/ guar/**dar** 7

² Os números no final de cada verso correspondem à localização das sílabas tônicas em seu interior.

³De acordo com Castilho (1908), as sílabas poéticas deveriam ser contadas até a última tônica dos versos, observação esta que mostra que, em seu tempo, os poetas de língua portuguesa se apoiavam mais nos acentos do que no número das sílabas para compor os versos.

a/um/pe/gu/rei/r' a/**gỹ**/a; 7
 (CSM 147, 1988, p.131)

(4) Cantiga 4: Esta é como Santa Maria guardou ao fillo do judeu que non ardesse, que seu padre deitara no forno.

O/ ju /deu/ cỹ /o/pra/ zer	2- 4-7
ou/ ve /, ca/ lle/ pa/re/ ci /a	2- 4-7
que/ os /ti/as/ a/co/ mer	2-7
lles/ da /va/ San /ta/Ma/ ri /a,	2- 4-7
que/ vii /a/ res /pran/de/ cer	2-4-7
e/ no /al/ tar /u/ sii /a	2-4-6
e/ e /nos/ bra /ços/ ter	2- 4-6
seu/ Fi /llo/ He /ma/ nu /el.	2-4-6

(CSM 4, 1986, p. 64)

No exemplo (3) verificamos a presença do vocábulo diminutivo *ovellỹa* (“ovelhinha”), que está em posição de rima. Através da metrficação poética sabemos que tal ocorrência possui acento primário na sílaba -*llỹ*, uma vez que esta sílaba é uma das tônicas no verso.

O exemplo (4) nos mostra uma ocorrência de diminutivo - *judeucỹo* (“judeuzinho”) - que não está em posição de rima. Quando isso ocorre, podemos nos voltar para a identificação das sílabas tônicas ao longo dos versos para tentarmos localizar o acento primário desta palavra. Sendo assim, em (4) conseguimos através da metrficação poética descobrir que tal ocorrência possui acento primário na sílaba -*cỹ*, uma vez que esta sílaba é uma das tônicas no verso.

A partir dos exemplos de metrficação das cantigas expostos anteriormente, torna-se possível localizar os acentos primários nas ocorrências de diminutivo mapeadas nas CSM e investigar se esses nomes são formas simples (um acento lexical) ou formas compostas (dois acentos lexicais). Em (2) constatou-se que o acento principal localiza-se nas sílabas tônicas -*si* e -*li*, das palavras *fremosinna* e *garridelinna*, respectivamente. Desta forma, pode-se supor que nestas ocorrências há apenas um acento lexical, uma vez que a metrficação dos versos em que se encontram tais vocábulos nos mostrou que não há mais proeminências prosódicas além das sílabas -*si* e -*li*, fato que pode evidenciar que estamos diante a um processo derivacional.

O mesmo que ocorre com *fremosinna* e *garridelinna* pode ser observado em *ovellỹa* (3). Nesta ocorrência, o acento principal localiza-se na sílaba -*llỹ* (constatado por meio da escansão dos

versos que nos mostra que tal sílaba é a tônica). Portanto, temos também apenas um acento lexical.

Situação contrária à formação das palavras *fremosinna*, *garridelinna* e *ovellỹa* pode ser verificada na formação da palavra *judeucỹo* (“judeuzinho”). Nesta ocorrência observa-se a ocorrência de duas proeminências prosódicas: uma na sílaba *-ju* e outra no sufixo *-cỹo* (cf. exemplo de metrificação 4). Portanto, se observamos a metrificação em (4) veremos que há o acento principal em *-cỹo* e também um acento secundário em *ju*, uma vez que tal sílaba é uma das tônicas do verso.

A partir dos exemplos discutidos acima pode-se inferir que os diminutivos em PA podem ter um acento lexical e fazem parte de um processo derivacional (no caso das ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)*) ou dois acentos lexicais, sendo considerados compostos (no caso das ocorrências com o sufixo *-cỹ(o,a)*).

3.2 A investigação dos processos de sândi vocálico externo nas *CSM*

O objetivo dessa seção é discutir a pertinência da consideração das *CSM* como *corpus* para a investigação dos processos de sândi vocálico externo e demonstrar a metodologia utilizada a partir da análise de alguns encontros de juntura intervocabular, bem como a solução desses encontros.

O termo sândi, proveniente da antiga gramática sanscrita, designa as alterações mórnicas e fonológicas causadas pelo contato entre formas da língua. Essas alterações podem ocorrer tanto no interior do vocábulo, sendo assim interno, quanto na justaposição vocabular - final de uma palavra com o início de outra; neste caso, o processo é denominado, então, como externo.

Termo usado na SINTAXE e na MORFOLOGIA para indicar uma MODIFICAÇÃO FONOLÓGICA de FORMAS GRAMATICAIS que ficaram justapostas. O termo deriva de uma palavra do sânscrito que significa “junção”. As formas de sândi passaram por modificações específicas em circunstâncias específicas (isto é, várias regras de sândi foram aplicadas) [...]. Nas línguas em que as formas sândi são complexas, existe às vezes a distinção entre “sândi externa” (REGRAS de sândi que operam no limite da palavra) e “sândi interna” (regras que operam dentro das palavras). (CRYSTAL, 2000, p.196, grifos do autor)

Os processos fonológicos que ocorrem entre palavras (assim são os casos de elisão, crase, ditongação e degeminação; sendo os três primeiros comentados neste artigo) são tratados como processos de sândi vocálico externo, i.e., eles são externos à palavra, ocorrendo em juntura de palavras, em um nível pós-lexical. Existem, como dito acima, os processos de sândi vocálico interno: processos que ocorrem no interior da palavra, como a degeminação e a ditongação que podem ocorrer no interior de palavras (5):

(5) ál[koow] > ál[kow] – degeminação
t[i.a]go > t[ja.]go – ditongação

No PB há poucas ocorrências de elisão nos limites da palavra, motivada pela flexão ou pela derivação; dessa forma, a elisão é tradicionalmente considerada um processo de sândi externo, por não ocorrer com tanta frequência no interior de palavra, se comparado com sua recorrência entre palavras.

Para Trask (2004, p. 260) o sândi é uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical”, para Xavier e Mateus (1990, p. 327-28), é um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra”.

O processo de sândi é um fenômeno fonológico que pode se beneficiar, na sua descrição, da consideração de textos poéticos antigos, uma vez que é possível notar os limites de fronteiras silábicas a partir da metrificação e escansão dos versos poéticos.

Uma introdução à aplicação da metodologia acima descrita à análise dos dados das cantigas medievais religiosas, com vistas ao mapeamento dos processos de sândi, está exemplificada em (6), em que aparecem as duas primeiras estrofes da CSM 29⁴.

(6) Esta é como Santa Maria fez parecer nas pedras
omagêes a sua semellança.

Nas/ men/ tes/ sem/ pre/ iẽ/ er	A ⁷
De/ ve/ mo/ -las/ sas/ fei/ tu/ ras	B ⁷
<u>da</u> / Vir/ gen/, pois/ re/ ce/ ber	A ⁷
as/ fo/ ron/ as/ pe/ dras/ du/ ras.	B ⁷

⁴ As letras maiúsculas A e B representam o padrão de rima do refrão; já as minúsculas b, c, d, e, f representam o padrão rimático das estrofes. Ao final do verso, as letras são seguidas de um algarismo, que representa a quantidade de sílabas poéticas do verso. As sílabas em sublinhado correspondem ao processo de elisão da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra, já as em negrito correspondem à formação do hiato da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra.

Per/ quan/ <u>t'eu</u> / di/zer/ o/ý	c⁷
a/ mui/tos/ que/ fo/ron/ y,	c⁷
na/ san/ta/ Ge/sse/ma/ni	c⁷
fo/ron/ a/cha/das/ fi/gu/ras	b⁷
<u>da</u> / Ma/dre/ de/ Deus,/ a/ssi	c⁷
que/ non/ fo/ron/ de/ pin/tu/ras.	b⁷

Nas mentes sempre tẽer...

Nen/ ar/ en/ta/lla/das/ non	d⁷
Fo/ron/, se/ Deus/ me/ per/don,	d⁷
e/ a/vi/a/ y/ fay/çon	d⁷
<u>da</u> / Se/nnor/ <u>das</u> / a/pos/tu/ras	b⁷
con/ sseu/ Fi/ ll',e / per/ ra/zon	d⁷
fei/tas/ bem/ per/ sas/ me/su/ras.	b⁷

Nas mentes sempre tẽer

(CSM 29, 1986, p. 133)

Nesta cantiga, os versos contêm 7 sílabas poéticas. É possível estabelecer o caráter das elisões presentes nas quatro estrofes e no refrão: *da(s)* = de+a(s) (terceiro verso do refrão, quinto verso da primeira estrofe, quarto verso da segunda estrofe, quarto verso da terceira estrofe, sexto verso da quarta estrofe); *quant'eu* = quanto + eu (primeiro verso da primeira estrofe); *Fill'e* = Fillo + e (quinto verso da segunda estrofe); *muít'e* = muito + e (segundo verso da terceira estrofe); *d'escuras* = de + escuras (sexto verso da terceira estrofe); *x'as* = xe + as (primeiro verso da quarta estrofe).

Além disso, devem ser consideradas como hiatos as seqüências E-A (terceiro verso da segunda estrofe e terceiro verso da quarta estrofe); A-I (terceiro verso da segunda estrofe. Nota-se que nessa cantiga a solução de ditongação não foi encontrada, devido à marginalidade desse processo no contexto geral do *corpus*.

A partir da metodologia empregada observamos os encontros vocabulares em juntura de palavra nas sessenta CSM. Os resultados encontrados foram 4308 ocorrências de encontros vocálicos intervocabulares.

O caso mais típico de sândi vocálico externo nas CSM é a elisão que ocorre, principalmente, quando a vogal átona da primeira palavra é /e/ - 1346 casos (64,93%) – ou /o/ - 646 casos (31,16%). Exemplo em (7):

(7) E os judeus, que sempr'acostumad'an (CSM 27, verso 70)
sempr'acostumad'an = sempre + acostumado + an

Pudemos perceber que quando há o encontro de proeminências prosódicas (stress clash) entre as palavras não ocorre sândi, i.e, temos um caso de hiatização (8).

(8) Gran/ ven/gan/ça/ nos/ á/ o/ra/ da/da. (CSM 15, verso 135 com 9 sílabas poéticas)

Pôde-se perceber através dos resultados obtidos que há uma diferença entre as ocorrências de elisão no *corpus*. Massini-Cagliari (2005) já observara esse tipo de comportamento em estudos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 1999b e 2000), elaborados a partir de dados coletados nas cantigas de amigo do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* e a partir de um *corpus* de cem cantigas de amigo e de amor (MASSINI-CAGLIARI, 2001), diferenciando os processos de sândi vocálico externo que acontecem no PA, de acordo com a qualidade da vogal átona da primeira palavra. Dessa forma, concluiu estar diante de dois processos diferentes de sândi vocálico externo: aqueles em que a vogal átona final da primeira palavra é /a/ e os outros em que a vogal átona da palavra é /e/ e /o/.

No caso de encontro de dois /a/, um pertencente à última sílaba da primeira palavra e o outro a primeira sílaba da primeira palavra, o hiato é a solução preferida. Enquanto o processo de elisão de /e, o/ se dá diante de todas as vogais, a elisão de /a/ acontece preferencialmente diante de /a/ (exemplo 9) mesmo ou /e/.

(9) gran/ le/di/g'a/fi/ca/da (CSM 1, verso 55 com 6 sílabas poéticas)
lediça + aficada

No segundo caso, em que vogais átonas /e/ e /o/ se elidem diante de vogais de qualquer qualidade, tem-se a elisão.

De fato, a consideração de que ocorreria somente a crase (e não a elisão) quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ explicaria o fato de o hiato ser a solução preferida para encontros vocálicos formados pela vogal /a/ seguida de outras vogais. (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 81)

Observa-se que o processo de crase apresenta um contexto de aplicação diferenciado se comparado com o processo de elisão. Aquele é aplicado entre vogais, cujas qualidades vocálicas são a mesma: “entre palavras que não terminam e nem iniciam pela vogal **a** é impossível de efetuar a crase” (BIAGIONI, 2002, p.142).

O processo de ditongação é minoritário. A sinalefa (assim é nomeada por CUNHA, 1961) ocorre 21 (0,5%) vezes durante as sessenta primeiras CSM e é solução exclusivamente para o encontro do pronome *mi* com uma palavra iniciada pelas vogais /a/ ou /o/ (10) e também (menos expressivamente, entretanto) com o pronome *ti* (11):

(10) *mi ás/* que/ co/me/sse/ fe/zis/te/ mal; (CSM 15, verso 62 com 9 sílabas poéticas)

(11) Deus/ *tio/* de/man/de,/ que/ po/d'e/ val; (CSM 15, verso 64 com 9 sílabas poéticas)

Embora não seja considerado como um processo de sândi pela maioria dos autores consultados, há, também no *corpus*, um processo que difere do processo de elisão e que ainda não foi nomeado pela literatura especializada. Neste processo ocorre o apagamento da vogal inicial da segunda palavra:

(12) aos tres Reis en Ultramar / ou *v' a* strela mostrada, (CSM 1-38,39)

(13) que a terra to *da 's*clareceu, (CSM 15-91)

(14) do demo, *que s*terreces. (CSM 20-39)

(15) nen d' aguillon *a 's*codudas. (CSM 31-68)

(16) del, a Reynna no *bre s*piritual. (CSM 58-53)

Esse processo ocorre em 5 (0,1%) dos casos de sândi. Portanto, é, também, um processo marginal na lírica trovadoresca. No entanto, deve-se observar o contexto em que esse processo ocorre, ou seja, a vogal apagada é /e/ seguida fricativa alveolar surda - /s/. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.235) a vogal apagada /e/ é “a vogal epentética por natureza do PA” e esta vogal encontra-se, como dito acima, no contexto inicial da segunda palavra. Massini-Cagliari (2005, p.235) reflete que

é justamente este um dos contextos em que, necessariamente, há epêntese de uma vogal para “corrigir” a estrutura silábica, em nível lexical. [...] há a possibilidade de a vogal da palavra anterior preencher o núcleo dessa sílaba irregular, se não houver a epêntese.

De acordo com essa afirmação, estamos, portanto, diante de um processo diferente da elisão, porém ainda não nomeado pela literatura especializada.

Pode-se notar que as sílabas envolvidas nos encontros de vogais em juntura de palavra constituem o padrão silábico mais comum, assim como acontece em todas as línguas do mundo,

ou seja, o processo de sândi busca o padrão silábico mais canônico, já que é tendência universal uma sequência C e V ser silabada como CV.

Esses fatos de mais de setecentos anos atrás sobre o PA só puderam ser estudados a partir da metodologia empregada, que busca abstrair da escansão dos versos em sílabas *poéticas* os limites entre as sílabas *fonéticas*.

4 Considerações finais

As análises dos poemas apresentadas nas seções 3.1 e 3.2 evidenciaram, a partir da consideração da estrutura métrica de textos poéticos medievais, a eficácia da metodologia adotada em estudos que possuem como foco fenômenos historiográficos e prosódicos, como o acento nas formas diminutivas e os encontros vocálicos em junção de palavras.

Dessa forma, o objetivo deste artigo foi mostrar que, por meio da metodologia adotada, pode-se fazer o melhor uso de dados de setecentos anos atrás para observar o comportamento dos processos propostos e, tendo como escopo a Linguística Histórica, descobrir fatos do passado.

Para a tentativa de definição dos nomes diminutivos como formas simples ou compostas constatou-se que é fundamental saber a localização do acento principal na palavra. Isso só é possível devido à metodologia empregada - metrficação dos versos em que as ocorrências (formas diminutivas) aparecem. A metrficação nos revela o acento principal da palavra em sua forma diminutiva e pode revelar também se neste mesmo vocábulo há outra proeminência prosódica (constatada pela distribuição das sílabas tônicas ao longo do verso), fato este que nos traz evidências para a consideração de que há um acento lexical nas formas diminutivas com -inn(o,a) e dois nas formas com o sufixo -cũo, como exposto na seção 3.1.

No caso dos processos de sândi, verificou-se que a metodologia utilizada é pertinente para a consideração da solução dos encontros intervocabulares e delimitação destes dentro da sílaba poética, fato que auxilia na identificação de sílabas fonéticas, em um período em que não se tem gravações da língua dos trovadores.

A partir da consideração dos limites das sílabas fonéticas, pôde-se perceber que a elisão é a solução mais recorrente de encontros vocálicos em junção de palavras, enquanto a ditongaão é um processo marginal na lírica trovadoresca.

Por meio deste artigo foi possível dar, com relação ao estudo dos nomes aumentativos e diminutivos e dos processos de sândi vocálico no corpus investigado, uma contribuição à

investigação dos aspectos segmentais e suprasegmentais do PA, através da observação da notação escrita dos trovadores de setecentos anos atrás.

Referências Bibliográficas

- ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- ALLEN, W.S. *Accent and Rhythm - Prosodic Features of Latin and Greek, a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- BIAGIONI, A. B. *A sílaba em português arcaico*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2002.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas, v. 23, 1992, p. 83-101.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado. Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p.19-35.
- BISOL, L. O Sândi e. *A Ressilabação. Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 104, p. 159-168, 1995.
- CAGLIARI, L.C; MASSINI-CAGLIARI, G. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. In: *Revista da Anpoll*, n.5. São Paulo, 1998, p.77-105.
- CAGLIARI, L. Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços e pela Fonologia Lexical. Campinas: Edição do Autor. 1999a
- CAGLIARI, L. Metrificação e fonologia prosódica. in *Acento em Português*. Campinas: Edição do Autor, pág.71-85. 1999b
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- CUNHA, C. *Estudos de Poética Trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
- FARACO, C. *Lingüística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1998.
- LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, 57 (2), p. 267-308, 1981.
- LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- MAIA, C. *História do Galego-Português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese (Doutorado em Lingüística)- IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
- _____. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

_____. Sândi Vocálico Externo nas Cantigas Medievais Portuguesas. Trabalho Inédito – Araraquara: FCL – UNESP, 1999b.

_____. O sândi vocálico externo no português arcaico visto pela teoria da otimidade. In: *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística Braga*. APL, 2000. v. II: p. 59-75.

_____. *Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?* Comunicação apresentada no IV EIEM – Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

_____. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre docência em Lingüística). Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Araraquara, 2005.

_____. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos lingüísticos e usos estilísticos. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*. Araraquara: GEL, 2006. p.76-94.

MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007, p.101-126.

_____. O que é fazer pesquisa em Lingüística Histórica? In: GONÇALVES, A.; GÓIS, M.?, 2010. (no prelo)

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: Fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. *Cantigas de Santa María* (cantigas 101 a 260). Madrid: Castalia, 1988a.

_____. *Cantigas de Santa María* (cantigas 261 a 427). Madrid: Castalia, 1988b.

_____. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: *Studies on the Cantigas de Santa Maria*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987, p. 355-366.

_____. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100). Madrid: Castalia, 1986.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das cuestións textuais. In: *Anuario de estudios literarios galegos*. Vigo: 1998. p.179-205.

TOLEDO NETO, S. de A. *Variação Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia (Cod. ANTT 643)*. 1996. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa)-USP, FFLCH, São Paulo, 1996.

TRASK, R. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VELOSO, B. *O sândi vocálico externo e os monomorfemas em três variedades do português*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem Dissertação, 2003.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.

AUTOR(AS)

¹ **Ana CANGEMI, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.**
Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – campus Araraquara.
carolcangemi@gmail.com

² **Thaís ABREU, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa.**
Faculdade de Ciências e Letras “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – campus Araraquara.
thais_habreu@hotmail.com